

John Green

O Teorema
Katherine

Tradução
Margarida Malcato

ASA

CAPÍTULO UM

Na manhã seguinte à conclusão do secundário e depois de ter sido dispensado pela décima nona Katherine, o célebre menino-prodígio Colin Singleton tomou um banho. Colin sempre preferira banhos de imersão; uma das regras fundamentais da sua vida era nunca fazer de pé o que podia fazer deitado com a mesma facilidade. Assim que a água arrefeceu, entrou na banheira, sentou-se e observou a água a subir sem qualquer expressão no rosto. A água cobriu-lhe as pernas, que se encontravam dobradas e cruzadas. Reconheceu, sem grande entusiasmo, que era demasiado comprido e grande para aquela banheira – parecia uma pessoa praticamente adulta a brincar como as crianças.

À medida que a água lhe tapava a barriga magra, mas não musculada, pensou em Arquimedes. Quando Colin tinha cerca de quatro anos, leu um livro sobre Arquimedes, o filósofo grego que descobrira que o volume podia ser calculado com base na deslocação da água, quando se sentou numa banheira. Depois de ter feito esta descoberta, Arquimedes terá alegadamente gritado «Eureka!»² e corrido nu pelas ruas. O livro dizia que muitas descobertas importantes tiveram um «momento Eureka». E, naquela altura, Colin ainda desejava muito fazer grandes descobertas, portanto, falou com a mãe sobre isso quando ela chegou a casa.

– Mamã, será que algum dia terei um momento Eureka?

– Oh, querido – disse ela, pegando-lhe na mão. – O que se passa?

² Grego: «Descobri!»

– Quero ter um *Momento Eureka* – afirmou ele da forma como outro miúdo teria pedido uma Tartaruga Ninja.

Ela fez-lhe uma festinha na bochecha com as costas da mão e sorriu com o rosto tão perto do dele que Colin sentia o cheiro a café e maquilhagem.

– Claro, Colin, meu querido. Claro que terás.

Mas as mães mentem. Faz parte do trabalho delas.

* * *

Colin respirou fundo e deslizou para baixo, imergindo a cabeça. *Estou a chorar*, pensou, erguendo as pálpebras para olhar através da água cheia de sabão que lhe fazia arder os olhos. *Apetece-me chorar, por isso devo estar a chorar, mas é impossível saber porque estou debaixo de água*. Mas ele não estava a chorar. Estranhamente, sentia-se demasiado deprimido para chorar. Demasiado magoado. Parecia que ela lhe tinha tirado a parte de si que chorava.

Destapou o ralo da banheira, levantou-se, secou-se e vestiu-se. Ao sair da casa de banho, viu os pais sentados na sua cama. Nunca era bom sinal quando o pai e a mãe estavam no seu quarto ao mesmo tempo. Ao longo dos anos isso significara:

1. A tua avó/avô/tia Suzie que nunca conheceste, mas que, acredita, era uma pessoa excelente, o que é pena, morreu.
2. Estás a deixar que uma rapariga chamada Katherine te distraia dos estudos.
3. Os bebés são feitos através de um ato que acabarás por achar intrigante, mas que, por agora, te vai assustar. Além disso, às vezes as pessoas fazem coisas que incluem atos que fazem bebés, mas que não quer dizer que façam necessariamente um bebé, como, por exemplo, beijarem-se em zonas sem ser a cara.

Nunca significou:

4. Uma rapariga chamada Katherine telefonou enquanto estavas no banho. Está arrependida. Ainda te ama, cometeu um erro terrível e está à tua espera lá em baixo.

Contudo, ainda assim, Colin não pôde evitar desejar que os pais estivessem no seu quarto para lhe darem notícias que pertencessem à alínea 4. Normalmente, era uma pessoa pessimista, mas parecia fazer uma exceção para as Katherines: sentia sempre que elas acabariam por voltar para si. A sensação de amá-la e ser correspondido invadia-lhe o ser e era capaz de sentir o gosto da adrenalina na boca. Talvez não tivesse acabado, talvez pudesse sentir outra vez a mão dela na sua e ouvir-lhe a voz estridente e alta transformada num sussurro que lhe dizia amo-te da maneira rápida e silenciosa como ela sempre dissera. Ela disse *amo-te* como se fosse um segredo, um segredo enorme.

O pai levantou-se e avançou para ele.

– A Katherine ligou para o meu telemóvel – disse ele. – Está preocupada contigo. – Colin sentiu a mão do pai no seu ombro, depois avançaram um para o outro e abraçaram-se.

– Estamos muito preocupados – disse a mãe. Era uma mulher pequena, com cabelo castanho encaracolado e uma única madeixa branca na parte da frente. – E chocados – acrescentou. – O que aconteceu?

– Não sei – disse Colin, suavemente, no ombro do pai. – Ela simplesmente... fartou-se de mim. Cansou-se. Foi o que disse. – Depois, a mãe levantou-se e houve muitos abraços, braços por todo o lado. A mãe começou a chorar. Colin desembaraçou-se dos abraços e sentou-se na cama. Sentiu uma necessidade enorme de

expulsá-los imediatamente do quarto, como se fosse explodir caso eles não saíssem. Literalmente. Entranhas nas paredes; o cérebro prodigioso espalhado na colcha da cama.

– Bom, um dia destes temos de nos sentar e avaliar as tuas opções – disse o pai. Tinha um grande talento para avaliações. – Não estou à procura de lados positivos, mas parece que tens tempo livre neste verão. Que tal um curso de verão na Northwestern?

– Preciso mesmo de ficar sozinho, só hoje – respondeu Colin, tentando transmitir calma para que os dois se fossem embora e ele não explodisse. – Podemos avaliar as coisas amanhã?

– Claro, querido – disse a mãe. – Estaremos aqui o dia todo. Desce quando quiseres, amamos-te, és muito especial, Colin, não podes deixar que esta rapariga te faça pensar o contrário porque és o menino mais magnífico e brilhante que existe... – E, naquele momento, o menino mais especial, magnífico e brilhante que existia correu para a casa de banho e vomitou violentamente. Uma espécie de explosão.

– Oh, Colin! – gritou a mãe.

– Só preciso de estar sozinho – insistiu Colin da casa de banho. – A sério. Por favor.

Quando saiu, eles já lá não estavam.

Durante as catorze horas seguintes, sem parar para comer, beber ou vomitar de novo, Colin leu e releu o anuário da escola que recebera apenas quatro dias antes. Para além das tretas normais dos anuários, continha setenta e duas assinaturas. Doze eram somente assinaturas normais, cinquenta e seis citavam a sua inteligência, vinte e cinco diziam que desejavam tê-lo conhecido melhor, onze que fora divertido tê-lo na aula de Inglês, sete incluíam as palavras «esfíncter da pupila»³ e umas impressionantes *dezassete* terminavam com «Fica bem!». Colin Singleton nunca poderia *ficar* bem, tal como uma baleia azul não poderia *ficar* magra, nem o Bangladesh

³ Falaremos disso mais tarde.

poderia *ficar* rico. Pelos vistos, aquelas dezassete pessoas estavam a brincar. Pensou naquilo – e refletiu como seria possível que vinte e cinco dos seus colegas de turma, alguns dos quais iam consigo à escola há doze anos, pudessem ter desejado «conhecê-lo melhor». Como se não tivessem tido oportunidade.

Contudo, passou grande parte das catorze horas a ler e reler a dedicatória de Katherine XIX:

Col

A todos os lugares onde fomos. E a todos os lugares onde iremos. E aqui estou, sussurrando-te outra vez e outra vez e outra vez e outra vez e outra vez ao ouvido: amo-te.

Para sempre tua,

K-a-t-h-e-r-i-n-e

* * *

Acabou por achar a sua cama demasiado confortável para o seu estado de espírito, por isso, deitou-se de barriga para cima, com as pernas esparramadas sobre o tapete. Começou a fazer anagramas com as palavras «para sempre tua» até encontrar um de que gostava: *se um pesar para*. E ficou ali deitado a pensar se o seu pesar pararia, repetindo mentalmente a nota já decorada e desejando chorar. Mas, em vez disso, só sentia uma dor no plexo solar. Chorar *adiciona* algo: chorar somos nós mais as nossas lágrimas. Só que a sensação de Colin era algo terrível oposto ao choro. Éramos nós menos qualquer coisa. Continuava a pensar em duas palavras – para sempre – e sentia a dor ardente por baixo da caixa torácica. Doía como o pior pontapé no rabo que já levara. E já tinha levado muitos.

CAPÍTULO DOIS

Doeu assim até quase às dez da noite, quando um gajo gordo e hirsuto de ascendência libanesa entrou de rompante no quarto de Colin, sem bater. Colin virou a cabeça e olhou para ele com os olhos semicerrados.

– Mas que raio se passa aqui? – perguntou Hassan quase aos berros.

– Ela deixou-me – respondeu Colin.

– Foi o que ouvi dizer. Ouve, *sitzpinkler*⁴, adoraria consolar-te, mas, neste momento, o conteúdo da minha bexiga chegaria para apagar uma casa em chamas. – Hassan contornou a cama e abriu a porta da casa de banho. – Meu Deus, Singleton, o que andaste a comer? Cheira a... AH HH! VOMITADO! VOMITADO! AH HH!

E, enquanto Hassan gritava, Colin pensou, *Oh. Pois. A sanita. Devia ter puxado o autoclismo.*

– Desculpa se errei o alvo – disse Hassan quando voltou. Sentou-se à beira da cama e pontapeou ligeiramente o corpo prostrado de Colin. – Tive de tapar o nariz com as duas *fugging*⁵ mãos, pelo que o *Zezinho* balançou livremente. Um pêndulo enorme, o *fugger*⁶. – Colin não se riu. – Deus, deves estar mesmo muito mal porque, primeiro, as piadas sobre *zezinhos* são o meu melhor

⁴ Palavra alemã utilizada na gíria para designar mariquinhas. Significa literalmente «homem que mijá sentado». Estes alemães têm uma palavra para tudo.

⁵ Termo que imita o palavrão inglês *fucking*. (*N. da T.*)

⁶ Termo que imita o palavrão inglês *fucker*. (*N. da T.*)

material e, segundo, quem se esquece de puxar o autoclismo depois de vomitar?

– Só me quero arrastar para dentro de um buraco e morrer
– respondeu Colin com a boca encostada ao tapete creme e sem nenhuma emoção audível.

– Bolas – retorquiu Hassan, suspirando lentamente.

– Tudo o que sempre quis foi que ela me amasse, e também fazer alguma coisa de relevante na minha vida. Olha para mim. A sério, olha só para mim – disse ele.

– Estou a olhar. E digo-te, *kafir*⁷, não gosto do que vejo. Nem do cheiro. – Hassan deitou-se na cama e deixou a tristeza de Colin pairar no ar durante breves instantes.

– Eu sou... Sou um falhado. E se a vida se resumir a isto? E se daqui a dez anos eu estiver sentado no meu *fugging* cubículo a processar milhares de números e a memorizar estatísticas de basebol para poder arrasar na minha liga virtual, e não a tiver, e não fizer nada de importante com a minha vida, e for apenas um autêntico desperdício humano?

Hassan sentou-se com as mãos nos joelhos.

– Vês? É por isso que tens de acreditar em Deus. Porque eu não espero vir a ter um cubículo e sou mais feliz que um porco a chafurdar num monte de merda.

Colin suspirou. Embora Hassan não fosse assim *tão* religioso, por vezes tentava, no gozo, converter Colin.

– Certo. Fé em Deus. É uma boa ideia. Também gostaria de acreditar que seria capaz de voar em direção ao espaço nas costas fofinhas de um pinguim gigante e comer a Katherine XIX em gravidade zero.

– Singleton, és a pessoa que mais precisa de acreditar em Deus que eu conheço.

⁷ «Kafir» é um termo árabe não muito simpático para designar «não muçulmano» ou «infel».

– Bom, e *tu* precisas de ir para a universidade – murmurou Colin.

Hassan resmungou. Um ano mais adiantado do que Colin na escola, Hassan tirara um «ano sabático» apesar de ter entrado na Universidade de Loyola, em Chicago. Como não se inscrevera em nenhuma cadeira do primeiro semestre, parecia que o seu ano sabático brevemente passaria a dois.

– Não vires a conversa para o meu lado – replicou Hassan com um sorriso. – Não sou eu que está demasiado *fugged* para se levantar do tapete e puxar o autoclismo, meu. E sabes porquê? Porque acredito em Deus.

– Para de tentar converter-me – gemeu Colin, chateado.

Hassan saltou da cama, imobilizou Colin no chão, prendeu-lhe os braços e começou a gritar.

– Não há outro Deus senão Alá; Maomé é o seu Profeta! Di-lo comigo, *sitzzpinkler! La ilaha illa-llah!*⁸ – Colin começou a rir, perdendo o fôlego por baixo do peso de Hassan. Este também se começou a rir. – Estou a tentar salvar o teu maldito couro do inferno!

– Sai de cima de mim senão vou para lá em breve – arquejou Colin.

Hassan levantou-se e ficou sério de repente.

– Então, qual é o teu problema, em concreto?

– O meu problema, em concreto, é ela ter-me *deixado*. É estar sozinho. Oh, meu Deus, estou sozinho outra vez. E não é só isso, sou um autêntico falhado, para o caso de ainda não teres percebido. Estou no fim da linha. Sou um *ex*. Sou o ex-namorado da Katherine XIX. Um ex-prodígio. Um ex-cheio de potencial. E, neste momento, cheio de merda.

Tal como Colin explicara milhares de vezes a Hassan, existe uma diferença enorme entre as palavras *prodígio* e *génio*. Os prodígios podem aprender muito rapidamente o que as outras pessoas já

⁸ A declaração islâmica de fé, transliterada em árabe: Não há Deus senão Deus.

descobriram; os génios descobrem coisas que nunca ninguém descobriu. Os prodígios aprendem, os génios fazem. A grande maioria das crianças-prodígio não se torna génios adultos. Colin tinha quase a certeza de que estava nessa desafortunada maioria.

Hassan sentou-se na cama e mexeu no seu segundo queixo.

– O verdadeiro problema aqui é a cena dos génios ou a cena da Katherine?

– Amo-a tanto – foi a resposta de Colin.

Mas a verdade era que, na mente de Colin, os dois problemas estavam relacionados. O problema era este rapaz especial, magnífico e brilhante... bom, não o ser. O problema em si era *Ele* não ser importante. Colin Singleton, reconhecida criança-prodígio, reconhecido veterano de Conflitos Katherine, reconhecido totó e *sitzpinkler*, não era importante para Katherine XIX e não era importante para o mundo. De súbito, não era o namorado de ninguém, nem o génio de ninguém. E isso era – para usar uma expressão complexa que se esperaria de um prodígio – uma seca.

– Porque a cena dos génios – continuou Hassan como se Colin não tivesse acabado de professar o seu amor – não é nada. Isso é apenas querer ser famoso.

– Não, não é. Eu quero ser importante para alguém – afirmou ele.

– Pois. Tal como eu disse, queres fama. Hoje em dia, ser famoso é como ser popular. E não serás o próximo *America's fugging Next Top Model*, isso é certo. Por isso queres ser o *America's Next Top Genius* e agora estás, e não leves isto a peito, a choramingar por isso ainda não ter acontecido.

– Não estás a ajudar – murmurou Colin no tapete. Virou o rosto para olhar para Hassan.

– Levanta-te – ordenou Hassan, estendendo-lhe a mão. Colin agarrou-a, elevou o corpo e tentou largar a mão de Hassan. Contudo, Hassan agarrou-o ainda com mais força. – *Kafir*, tens um problema muito complicado que tem uma solução muito simples.

CAPÍTULO TRÊS

– Uma viagem de carro – disse Colin.

Tinha um saco de desporto a abarrotar aos pés e uma mochila tão cheia, que parecia ir explodir, só com livros. Ele e Hassan estavam sentados num sofá de couro preto. Os pais de Colin sentavam-se num sofá idêntico em frente ao deles.

A mãe de Colin abanava ritmicamente a cabeça, como um metrónomo reprovador.

– *Onde?* – perguntou ela. – E *porquê?*

– Sem ofensa, senhora Singleton – começou Hassan, colocando os pés em cima da mesa de centro (o que não era permitido fazer) –, mas não está a ver o cerne da questão. Não existe onde nem porquê.

– Pensa em tudo o que poderias *fazer* este verão, Colin. Poderias aprender sânscrito⁹ – sugeriu o pai. – Sei que queres aprender sânscrito. Vais mesmo ficar satisfeito por conduzires por aí, sem destino? Nem parece teu. Sinceramente, parece *desistir*.

– Desistir de quê, pai?

O pai fez uma pausa. Fazia sempre uma pausa depois de uma pergunta e, quando falava, fazia-o em frases completas, sem *huns* ou *ahs*, como se tivesse decorado a resposta.

– Custa-me muito dizer isto, Colin, mas, se queres continuar a crescer intelectualmente, tens de te esforçar agora mais do que nunca. Caso contrário, arriskas-te a desperdiçar o teu potencial.

⁹ O que, por mais patético que parecesse, era verdade. Colin tinha *mesmo* querido aprender sânscrito. É o monte Everest das línguas mortas.

– Tecnicamente – respondeu Colin –, acho que já o posso ter desperdiçado.

* * *

Talvez fosse por Colin nunca na vida ter desapontado os pais: não bebia, não tomava drogas, não fumava, não usava *eyeliner* preto em redor dos olhos, não saía até tarde, não tinha más notas, não tinha pírcingues na língua nem a frase «KATHERINE AMO-TE PARA SEMPRE» tatuada nas costas. Ou talvez eles se sentissem culpados, como se lhe tivessem falhado, fazendo-o chegar àquele ponto. Ou talvez só quisessem passar algumas semanas sozinhos de forma a reacender a chama do romance. Porém, cinco minutos depois de ter reconhecido que desperdiçara o seu potencial, Colin Singleton estava sentado atrás do volante do seu *Oldsmobile* comprido e cinzento, mais conhecido como Carreta do Diabo.

Dentro do carro, Hassan disse:

– Muito bem, agora tudo o que precisamos fazer é ir a minha casa, pegar em algumas roupas e miraculosamente convencer os meus pais a deixarem-me ir nesta viagem de carro.

– Podes dizer que eu tenho um trabalho de verão. No campo, ou assim – sugeriu Colin.

– Pois, só que não vou mentir à minha mãe. Que tipo de otário mente à própria mãe?

– *Hum.*

– Bom, a não ser que *outra pessoa* lhe mentisse. Com isso, sim, conseguia viver.

– Eu não posso mentir à tua mãe – respondeu Colin.

Cinco minutos depois, estacionaram em segunda fila numa rua do bairro Ravenswood, em Chicago, e saltaram para fora do carro ao mesmo tempo. Hassan entrou de rompante em casa e Colin

seguiu-o. A mãe de Hassan estava a dormir numa cadeira da sala de estar muito bem decorada.

– Mãe – chamou Hassan. – Acorda.

Ela acordou sobressaltada, sorriu e cumprimentou os dois em árabe. Colin respondeu em árabe, dizendo: «A minha namorada deixou-me e estou muito deprimido, por isso, eu e o Hassan vamos agora, ah... de férias numa viagem dentro do carro. Não sei qual é a palavra árabe para dizer isso.»

A Sr.^a Harbish abanou a cabeça e pressionou os lábios.

– Não te disse – censurou ela num inglês com forte sotaque – para não te meteres com raparigas? O Hassan é um bom menino, não «namoriska», e olha como é feliz. Devias aprender com ele.

– É isso que ele me vai ensinar nesta viagem – concluiu Colin, embora nada estivesse mais longe da verdade.

Hassan entrou novamente na sala com uma mochila meio fechada a transbordar de roupa.

– *Ohiboke*¹⁰, mãe – disse ele, baixando-se para lhe beijar a face.

De repente, um Sr. Harbish de pijama entrou na sala de estar e disse em inglês:

– Vocês não vão a lado nenhum.

– Oh, pai. *Temos* de ir. Olha para ele. Está de rastos. – Colin olhou para o Sr. Harbish e tentou parecer o mais desgraçado possível. – Ele irá comigo ou sem mim, mas, se for comigo, posso tomar conta dele.

– O Colin é um bom rapaz – lembrou a Sr.^a Harbish ao marido.

– Telefonarei todos os dias – acrescentou Hassan. – Nem sequer estaremos fora por muito tempo. Só até ele se sentir melhor.

Colin afirmou de improviso.

– Vou arranjar um trabalho para o Hassan – disse ele ao Sr. Harbish.

– Acho que ambos precisamos de aprender o valor do trabalho árduo.

¹⁰ «Amo-te» em árabe.

O Sr. Harbish grunhiu em acordo, virando-se depois para Hassan.

– Primeiro, tens de aprender o valor de não ver aquele programa horrroso, o *Judge Judy*. Se daqui a uma semana me telefonares e tiveres trabalho, por mim, podes ficar fora o tempo que quiseres.

Hassan pareceu não reparar nos insultos, murmurando baixinho:

– Obrigado, pai.

Beijou a mãe nas duas faces e correu em direção à porta.

– Que otário – comentou Hassan quando ambos já se encontravam a salvo dentro da Carreta do Diabo. – Uma coisa é acusar-me de ser preguiçoso. Mas difamar o bom nome da maior juíza da televisão americana é muito reles.

* * *

Hassan adormeceu por volta da uma da manhã e Colin, um pouco embriagado pelo café servido com uma quantidade generosa de natas no posto de gasolina e pela revigorante solidão de uma autoestrada a meio da noite, seguiu para sul na I-65 através de Indianópolis. Estava uma noite quente para início de junho e, como o AC da Carreta do Diabo ainda não funcionara neste milénio, todas as janelas estavam completamente abertas. O mais bonito da condução era o facto de lhe roubar suficientemente a atenção – carro parado em segunda fila, talvez um polícia, abrandar para os limites de velocidade permitidos, ultrapassar um camião, ligar o pisca, olhar pelo espelho retrovisor, virar o pescoço para verificar se vem lá alguém e sim, tudo bem, faixa da esquerda – e distrai-lo do vazio corrosivo que lhe atacava a barriga.

Para manter a mente ocupada, pensou noutros buracos de outras barrigas. Pensou no arquiduque Francisco Fernando, assas-

sinado em 1914. Ao olhar para o buraco ensanguentado que tinha na barriga, o arquiduque dissera:

– Não é nada.

Estava enganado. Não há qualquer dúvida de que o arquiduque Francisco Fernando era importante, apesar de não ser prodígio, nem génio: o seu assassinato deu início à Primeira Guerra Mundial, pelo que a sua morte resultou noutras 8 528 831.

Colin tinha saudades dela. A sua falta despertava-o mais do que o café. Quando Hassan pedira para conduzir há uma hora, Colin dissera que não, pois conduzir mantinha-o são – *não ir a mais de setenta; Deus, o meu coração está a mil; detesto o sabor a café, mas estou muito desperto; está bem, manter-me afastado do camião; está bem, sim; e agora são as minhas próprias luzes na escuridão*. Evitava que a solidão do sentimento de devastação fosse completamente devastadora. Conduzir era uma forma de pensar, a única forma que conseguia tolerar. Contudo, o pensamento continuava à espreita para além do alcance dos seus faróis: fora deixado. Por uma rapariga chamada Katherine. Pela décima nona vez.

* * *

No que respeita a raparigas (e, no caso de Colin, respeitava quase sempre), todos têm um determinado género. O género de Colin Singleton não era físico, mas linguístico: gostava de Katherines. Não Katies, nem Kats, nem Kitties, nem Cathys, nem Rynns, nem Trinas, nem Kays, nem Kates, nem, que o Deus o livrasse, de Catherines. K-A-T-H-E-R-I-N-E-S. Namorara com dezanove raparigas. Todas chamadas Katherine. E todas elas – todas, sem exceção – o tinham deixado.

Colin acreditava que o mundo tinha dois grupos exatos de pessoas: Pessoas Que Deixam e Pessoas Que São Deixadas. Muitos dirão que pertencem aos dois grupos, mas esses não entendem o cerne da questão: todos estão predispostos para um destino ou para